

# OS ORIXÁS DO ABDIAS



**PINTURAS E POESIA DE ABDIAS NASCIMENTO**

**CULTURA AFRO-BRASILEIRA  
NOSSA IDENTIDADE**

# **OS ORIXÁS DO ABDIAS**

## **PINTURAS E POESIA DE ABDIAS NASCIMENTO**

**FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**  
**MINISTÉRIO DA CULTURA**

**GILBERTO PASSOS GIL MORREIRA**  
Ministro da Cultura

**UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO**  
Presidente da Fundação Cultural Palmares

**IPEAFRO - INSTITUTO DE PESQUISAS E**  
**ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS**

### **FICHA CATALOGRÁFICA**

Os Orixás do Abdias. Pinturas e poesia de Abdias Nascimento/  
Organizadora, Elisa Larkin Nascimento.

Brasília: IPEAFRO e Fundação Cultural Palmares, 2006.

20 p. : il. cores

ISBN 85-7572-007-4

1. Religiosidade brasileira 2. Arte brasileira

3. Cultura negra no Brasil 4. Identidade étnica 5. Negros (Brasil).

I. Título.

VENDA PROIBIDA  
Tiragem 10 mil exemplares

2006





A obra de Abdias Nascimento explora e interpreta simbologias de diversos contextos africanos desde a matriz primordial do Egito antigo, passando pelo vodu do Haiti e os ideogramas *adinkra* da África ocidental. Mas os orixás do Brasil são o foco central, em meio à evocação de heróis e princípios da luta libertária na África e na diáspora.

Abdias dedica sua vida à missão de recuperar a dignidade humana de seu povo, lembrando a história de Osíris, que reinava soberano com Ísis, sua irmã, trazendo ao Egito e ao mundo a agricultura e a civilização. Quando Osíris foi assassinado e seu corpo esfaqueado e espalhado pela terra, Ísis saiu à procura impossível dos pedaços, reuniu-os e lhe restituiu o sopro da vida.

Assim também os povos africanos levaram cultura e conhecimento à Ásia, à Europa e às Américas em diversas épocas. Os tempos recentes da escravidão romperam os elos de suas vidas, e o momento atual é de reunir pedaços e restabelecer conexões vitais.



*Padé de Exu.*  
Rio de Janeiro, 1988.  
Acrílico sobre tela,  
104 x 154 cm.

Abdias faz parte desse momento desde os tempos do exílio, pintando e se comunicando, para além da língua falada, com seus pares no estrangeiro e no Brasil. Seus quadros transmitem os princípios da harmonia cósmica e da unicidade vital, caros ao universo religioso afro-brasileiro e à reflexão artística e espiritual humana. São valores tão intimamente brasileiros quanto perenes e universais.

Elisa Larkin Nascimento  
IPEAFRO





Abdias Nascimento não é somente um ativista das causas políticas, mas antes de tudo um arquivo vivo de nossa história e cultura. Com o seu trabalho artístico, ele resgata a força e as cores deste Brasil intenso. Ele consegue retratar esta intensidade negra e brasileira, num ir e vir do passado distante da mãe África ao presente destes filhos do Brasil que, separados pelo Atlântico, mantém viva essa chama, graças a este



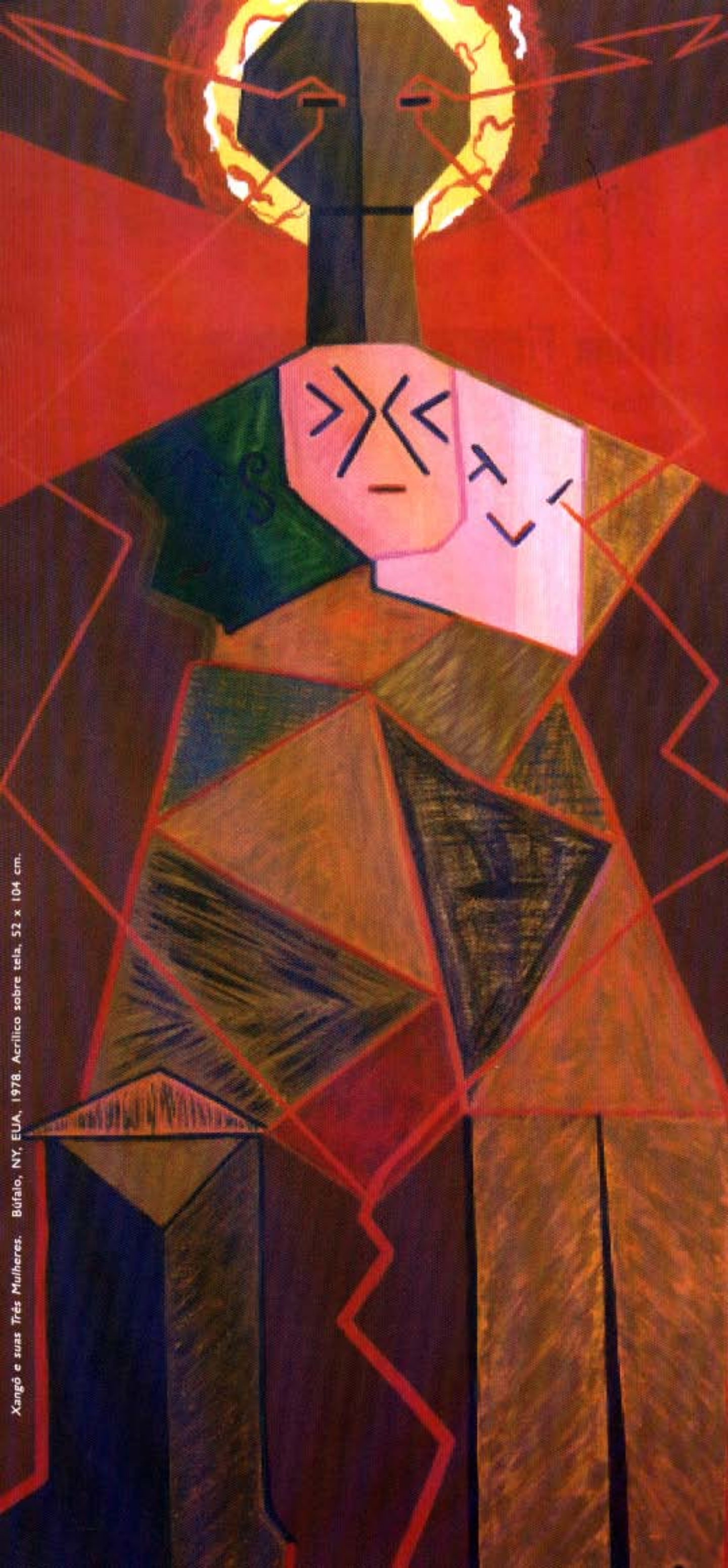
*O Cavalo e o Santo:  
Iemanjá. Búfalo,  
NY, EUA, 1975.  
Acrílico sobre tela,  
157 x 106 cm.*

verdadeiro *griot* dos tempos modernos. Filho de Oxum, senhora das águas doces, ele com certeza dá orgulho a essa divindade tão faceira e meiga. Através do seu pincel ele nos passa a singeleza e sensibilidade que só as águas de Oxum podem expressar... traços sutis e expressivos com que dá visibilidade e respeito à nossa cultura negra.

Trabalho forte neste teu livro, Abdias, de um homem forte. Que Olorum te abençoe, e que as águas doces de Oxum sempre adocem esta mão negra e humana. Ore iê iê ô, Iya fideremo (mãe da bondade, que presenteia seus filhos com bronze).

Mãe Beata de Iemanjá  
Sua irmã das águas





Xangô e suas Três Mulheres. Búfalo, NY, EUA, 1978. Acrílico sobre tela, 52 x 104 cm.





# Minha Pintura e o Candomblé

Abdias  
Nascimento

Os orixás dessas telas resultam das minhas próprias reflexões e aventuras do espírito no rastro de um problema que, para mim, mais do que uma questão artística ou acadêmica, é uma exigência vital. Por isto, não me preocupam somente as formas estéticas, a distribuição de volumes no espaço ou o teor das cores. De primeiríssima importância é a peripécia espiritual e cultural do afro-brasileiro: a história e os deuses da religião exilada com meus antepassados.



*Os Doadores da  
Tecnologia:  
Ogum e Xangô. Buffalo,  
NY, EUA, 1975.  
Acrílico sobre tela,  
106 x 156 cm.*

Meus orixás são presenças vivas, viventes e vivificadoras. Habitam tanto a África como o Brasil e todas as Américas, no presente e não nos séculos mortos. Surgem na vida cotidiana e nos assuntos seculares, legados pela história e pelos ancestrais. Por isso, os orixás recebem nomes de pessoas vivas, se empenham na defesa dos nossos heróis e mártires, e se engajam no processo de resgate da identidade, liberdade e dignidade de nosso povo.





*Senhora dos Mortos e dos Cemitérios: Jansã. Búfalo, NY, EUA, 1972. Acrílico sobre tela, 106 x 156 cm.*

## Laroiê Exu!

O princípio é Olorum o criador, unidade cósmica mais tarde rompida.

Foi em Ile-Ife que Obatalá desceu do orum para ali cumprir a missão que Olorum, seu pai, lhe confiara: a de criar a terra e povoar o universo. Embora separado da unidade original, Obatalá/Oxalá encarnava o princípio da dualidade masculina/feminina: na parte de cima da cabaça simbólica, o masculino orum; na parte de baixo o feminino aiyê, a terra: Odudua.

Para que não predominasse o caos após a rutura da unidade original, o cosmo se dividiu em quatro partes: o mundo dos orixás; o mundo de Ossaim, reino da flora e farmacologia rituais; o mundo dos seres humanos; e o mundo dos ancestrais, os egungun. Esses patamares formam, em re-



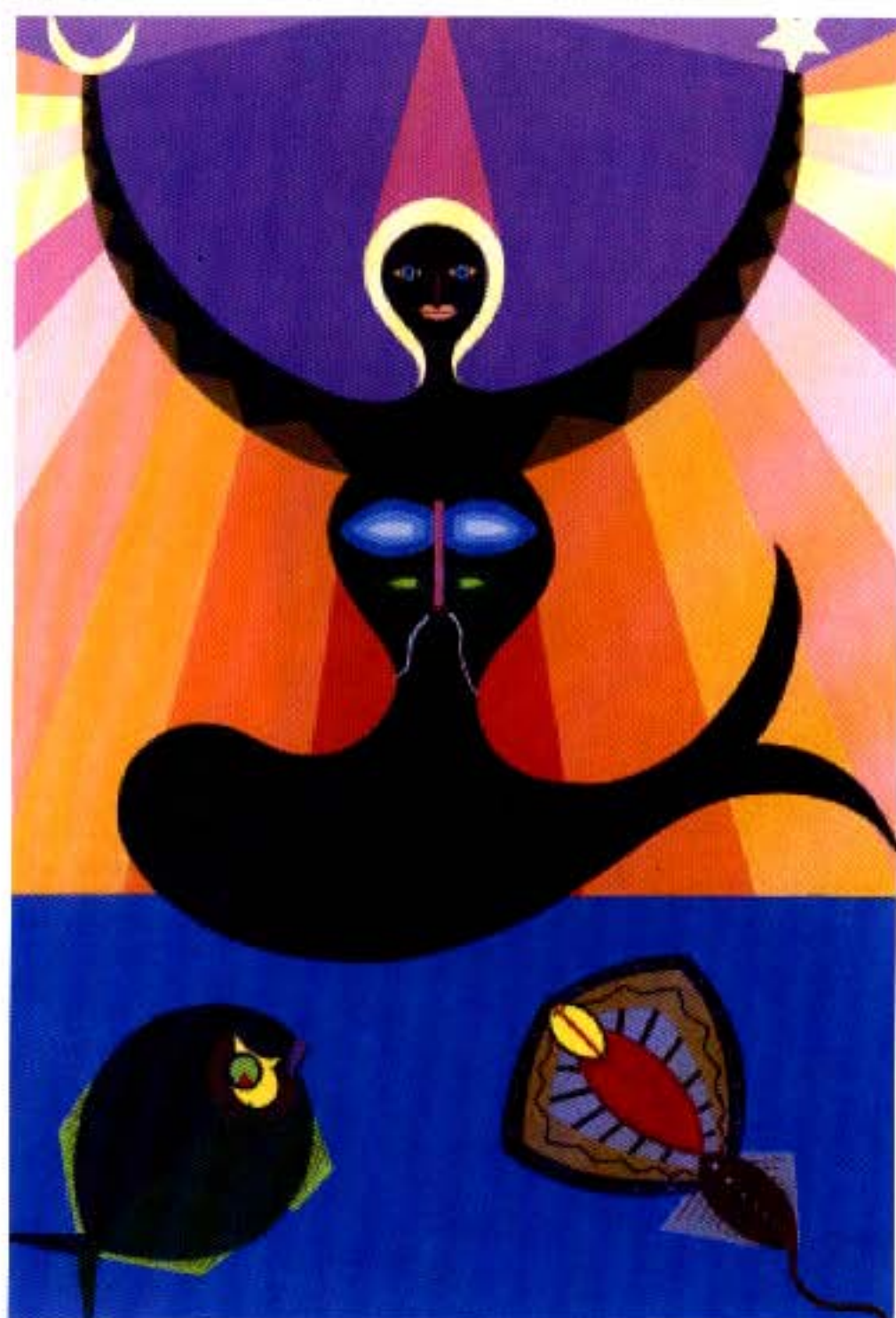


sumo, os espaços do visível e do invisível, ou seja, o aiyê e o orum.

A integração desses reinos, o processo constante de intercâmbio e comunicação entre eles, constituem a base espiritual, filosófica, e material da prática do culto. O fluxo principal está na transmissão, perpetuação, e reprodução

do axé, força vital inerente e imprescindível a todo ser. O axé também representa a força espiritual que fundamenta a autoridade e a prática religiosa de cada casa de santo.

A harmonia entre os quatro reinos compõe a perspectiva ambientalista intrínseca ao candomblé, que é atualíssima no mundo e no momento em que vivemos. Não é à toa que o ato de fundar um templo denomina-se plantar o axé, pois é vital a ligação do culto com o solo, a vege-



Oxummaré Ascende.  
Búfalo, NY, EUA, 1971.  
Acrílico sobre tela,  
106 x 156 cm.

tação, e todos os aspectos da natureza.

Os orixás são as forças da natureza, protagonistas do mundo mítico-histórico da nossa ancestralidade, cuja primeira referência é o antigo Egito, berço das civilizações africanas e ocidental.

No Brasil, somente no estado da Bahia existem mais de mil terreiros de candomblé. São completamente autônomos,





fato que resulta em muita variação dos costumes, tradições, e lendas entre uma casa e outra. Portanto, as linhas gerais que aqui esboçamos não se aplicarão, com exatidão de detalhes, a todas as comunidade-terreiros.

A iyalorixá (mãe de santo), ou babalorixá (pai de santo), exerce autoridade espiritual e secular sobre o terreiro e junto aos adeptos da religião. A predominância de mães de santo e de filhas de santo reflete a elevada valorização da mulher na cultura de origem africana.

Existe uma hierarquia de várias funções sacerdotais no candomblé. A primeira é a do babalawô (literalmente, pai do segredo), sacerdote de Ifá, o orixá da adivinhação e do conhecimento do passado, presente e futuro. Mestre e transmissor do corpo literário contendo o saber filosófico sagrado iorubá, Ifá representa a uma só vez tudo aquilo que na tradição ocidental está contido nas palavras dos profetas, apóstolos, e discípulos, na Bíblia, e nos principais escritos que revelam o saber daquela tradição. Os sacerdotes de Ifá, os babalawôs, trazem na memória todo esse saber, que é transmitido através da tradição oral. Esta ordem sacerdotal está fora do âmbito da autoridade do babalorixá ou da iyalorixá. O babalawô preside o reino da pessoa humana. No Brasil, essa ordem de sacerdócio está quase extinta. Até 2005, seu único representante vivo era o saudoso Mestre Agenor no Rio de Janeiro.

Tão pouco estão sujeitos à autoridade da mãe ou do pai de santo os babalossaim, sacerdotes de Ossaim, que presidem no culto o reino das plantas cerimoniais e medicinais; nem os babalojés, sacerdotes de egum ou egungum, domínio dos ancestrais. No Brasil, como na África, a evocação dos eguns constitui um culto secreto, localizado apenas na Bahia, onde sua suprema autoridade é o Alapini Mestre Didi (Deoscóredes Maximiliano dos Santos).

Sob o comando da iyalorixá ou do babalorixá, o axogum pratica o sacrifício de animais de duas e quatro patas; o pegi-gã preside o conselho administrativo; o alabê, chefe de música e tocador do rum, um dos tambores sagrados; o ogã (masculino) e a ekede (feminino), assistem os filhos de santo; e o obá, ministro de Xangô, atua num posto criado pela Mãe Aninha no Ilê Axé Opô Afonjá da Bahia.

A iya bassê, cozinheira dos deuses, preside a cozinha mística, em que cada um dos orixás tem seu prato preferido. Variada, rica, e deliciosa, a comida dos santos tem sido internacionalmente consagrada como a marca culinária do Brasil. Até em Nova Iorque, tornou-se item de cardápio de restaurantes e residências o xinxin de galinha, prato de Oxum; o amalá, ou caruru, de Xangô; o arroz branco de





Oxalá, o abará, vatapá, acarajé e outras iguarias dos orixás.

Os tambores sagrados, rum, rumpi e lé (na ordem decrescente de tamanhos) são mediadores e/ou intermediários, pois através dos ritmos especiais eles levam a petição dos crentes aos orixás. Entidades místicas, os tambores também "comem" o produto da cozinha sagrada: azeite de dendê, água sagrada, e sangue de galinha.

Entre as características mais destacadas do candomblé está a sua natureza iniciática. Todas as funções da hierarquia



*Raízes nº 2: Tributo a Aguinaldo Camargo, Rio de Janeiro, 1988. Acrílico sobre tela, 150 x 100 cm.*





sacerdotal requerem um processo de iniciação, através do qual o candidato passa a participar de alguns segredos do saber sagrado. Além das responsabilidades religiosas que implica, a iniciação tem implicações para a vida secular do candidato.

Tanto as cerimônias particulares quanto as públicas começam sempre com o padê ou despacho de Exu, o ordenador do cosmos. Como portador do axé, ele é o único orixá que passa de um domínio do cosmo ao outro. Exu, o gênio trocista dos caminhos e encruzilhadas do universo, inter-







prete das línguas humanas e divinas, incorpora a contradição, dialetiza a existência humana, ritualiza o movimento perpétuo do cosmo, da história dos homens e das mulheres. É o orixá fálico que preside o ato sexual, seu membro viril funcionando simbolicamente como tentativa de restauração da unidade cósmica. Suas cores são o vermelho e o preto, e seus animais o galo, a cabra e o cachorro. Quando baixa no terreiro, acontecimento relativamente raro, os participantes do culto o saúdam: "Laroiê!" Pomba Gira, com seu nome de origem banta, é companheira e contrapartida feminina de Exu.

A semana litúrgica no candomblé, como seus ritos, começa com Exu, abridor de caminhos: segunda-feira é dedicada a ele, como também a Omolu ou Obaluaiê, orixá da vario-



*A Dupla Personalidade de Oxunmaré, n.º 2, Búfalo, NY, EUA, 1971. Acrílico sobre tela, 157 x 106 cm.*

la, da doença e da saúde, e por extensão da vida e da morte. Repletos de chagas, seu rosto e corpo estão sempre cobertos. Sua saudação é "átoto", e ele simboliza a terra e o sol.

Terça-feira é de Oxunmaré. Orixá em forma de serpente, com as sete cores do arco-íris, alterna o sexo. Sua função é gerir o ciclo das chuvas e neblinas, levando a água dos lagos, rios, e mares para dar de beber às nuvens ardentes do palácio de Xangô. Nananburucu, também da terça-feira, é esposa de Oxalá, e como ele significa a perpetuação dos deuses e do ser humano.

Xangô é orixá do sol, do trovão, e do fogo. Suas cores são o vermelho e o branco; quarta-feira é seu dia. Patrono da justiça, mora numa pedra. Seu duplo machado é feito de um meteorito.

Iansan é esposa de Xangô. Orixá do relâmpago, do vento, e da tempestade, suas cores são o vermelho e o branco, e





sua saudação "Eparrei!" Exceto Exu, ela é o único orixá que não teme a morte. Rainha dos cemitérios, Iansan é uma das coreográficas sacerdotisas da cerimônia secreta dos egungun.

Eruossaim, a outra participante do culto aos egungun, usa duas máscaras, uma na frente do rosto, outra atrás da cabeça, representando o passado e o futuro.

Quinta-feira é o dia de Oxossi, orixá da caça: mora nos bosques e nas florestas, e é saudado com o verbo "Okê!" Verde e amarelo são suas cores. O culto a Oxossi homenageia o índio, primeiro dono da terra brasileira.

Ogum, orixá da justa vingança e da guerra, da angústia, do mistério, e da tragédia, também preside quinta-feira. Desafiador das barreiras cósmicas, forja novos caminhos do progresso e do conhecimento. Sua cor é o azul; ele requer em particular o vinho de palma.

Obatalá/ Oxalá, criador hermafrodita, é o mais velho dos orixás, pai de todos. Sua cor é o branco, seu dia sexta-feira. Ele mora na abóboda celestial e preside a paz.

Sábado é dedicado às orixás da água: Iemanjá e Oxum. Iemanjá, orixá do mar e da pesca, tem o rosa e o azul claro como suas cores. É mãe das águas de todos os orixás. Oxum, orixá da água doce, simboliza o amor. Sua cor é o dourado. Oxum também é esposa de Xangô. Exceto Exu, é o único orixá com o dom da adivinhação, o poder de usar o colar de Ifá.

Domingo é dedicado a todos os orixás. Não mencionamos ainda Obá, a mais velha e primeira das esposas de Xangô, uma orixá guerreira. Os Ibeji, as crianças, são santos gêmeos.

A cerimônia pública do candomblé se caracteriza como o grande momento da convivência entre os vários reinos da cosmologia africana. O ritual abre sempre com o padê de Exu, e fecha com Oxalá. O objetivo é a evocação do passado coletivo dos orixás e seu povo através do mito representado e falado. Eis a importância da pantomima -- os gestos, as posturas, a dança. Tudo é profundamente simbólico. A cerimônia atinge seu auge de intensidade no ato da possessão das filhas de santo pelos seus respectivos orixás. No estado de transe, parecem perder o equilíbrio e se transfiguram num outro ser. Elas são agora receptáculos da divindade, cavalos dos santos. Os orixás, "montados" nos seus respectivos filhos, a eles incorporados, chegam para fazer sua visita ritual à comunidade dos seres humanos.

A esse ponto, cai a intensidade da cerimônia. Ajudados pelas ekede, os cavalos possuídos pelos deuses são levados à camarinha. Ali vestem as roupas litúrgicas das respectivas divindades.





*A Flecha de Guerreiro*  
Ramos: Oxossi.  
Búfalo, NY, EUA, 1971.  
Acrílico sobre tela,  
106 x 156 cm.

Depois de um certo tempo voltam à sala devidamente paramentados. Não são mais pessoas, são deuses. Cada orixá é recebido pela coletividade com uma saudação própria.

O fenômeno da possessão realiza uma profunda e total metamorfose na personalidade do filho de santo. A cozinheira se transforma em lemanjá. Segura na mão o abebê, uma espécie de leque, que ela movimenta em ritmo lento, enquanto executa uma dança ao mesmo tempo maternal e





semelhante ao movimento das ondas do mar. Os presentes a saúdam: "Odomi, odoceiaba!" O operário humilde agora exhibe o porte de um rei - ele é Xangô. Empunha um machado alado, de duas lâminas, e é recebido com gritos de "Caô, Cabecile!" Uma mulher de profissão lavadeira agora se transforma em divindade do amor, Oxum, e sua dança cheia de dignidade exhibe uma voluptuosidade de mulher amorosa. "Ora-iê-ie-ô!" A dignidade dessa dança a distingue radicalmente do erotismo vulgar internacionalmente popularizado nos romances de certos escritores baianos comercialmente bem sucedidos.

*O Santo Guerreiro  
Contra o Dragão da  
Maldade: Ogum.*  
Búfalo, NY, EUA, 1971.  
Acrílico sobre tela,  
106 x 155 cm.





Ogum, o orixá da guerra, segura sua estranha espada, o agadá, restauradora da justiça e da liberdade. "Ogunhiê!" Vem ainda, coberto de palha e carregando o xaxará, uma espécie de vara curta, Obaluaiê ou Omolu. Oxalá exibe o pachorô, um emblema fálico de fina e belíssima feitura. Os símbolos rituais desfilam e o mistério flutua no ar, concentrado tanto nas máscaras como nos rostos expressivos. Os gestos e os passos cheios de significado coreografam a dança única de cada orixá. Tudo isso se conjuga ao ar místico, criando uma atmosfera de poesia forte, colorida e intensamente persuasiva.

Assim como os domínios do cosmo se complementam, os deuses exercem funções complementares entre si. E com Exu zelando pela ordem do cosmo em todos seus domínios, com Oxalá presidindo a perpetuação da espécie, os filhos de África atravessam os séculos de dor e de alegria, sempre cultuando os deuses ancestrais na convivência mágica e mística com os orixás.

Entre o orum e o aiyê, há um espaço de mistério ignorado pela vã racionalidade humana. Nele se origina minha pintura, num esforço para o resgate de algumas imagens-símbolo da trajetória sobrenatural e histórica que vem desde um passado mítico para um presente e um futuro de humanidade plena.

Pinto Ogun e me comunico com a divindade da justa vingança, companheiro de armas dos irmãos que lutam por liberdade e dignidade. Evoco Iemanjá, celebrando aquela que vigia a fertilidade de nossa gente, alerta contra a agressão contida em determinados controles de natalidade. Retrato Xangô, praticando a justiça, militante de todos os movimentos pela restauração dos nossos direitos fundamentais. Convoco Ossaim, cultivador das plantas medicinais, transmissor do saber farmacológico da mãe África, protetor da saúde de nossa gente e da pureza de nosso meio-ambiente. Oxunmaré resume a alegria colorida e vital da nossa gente, expande sua natureza lúdica. Oxum, doadora generosa do amor, enriquece nossas vidas com sua doçura dourada. Obatalá, em sua dualidade masculino-feminina, estrutura o ovo primal da criação e procriação da espécie. E do além, muito além das nuvens do orum, Olorum nos observa...





# Padê de Exu Libertador

Abdias Nascimento



*Pomba Gira: Fêmea de Sete Exus.*  
Middletown, CN,  
EUA, 1970.  
Acrílico sobre tela.  
157 x 106 cm.

Ó Exu-Yanguí  
príncipe do universo e  
último a nascer  
receba estas aves e  
os bichos de patas que  
trouxe para satisfazer  
tua voracidade ritual  
fume destes charutos  
vindos da africana Bahia  
esta flauta de Pixinguinha  
é para que possas chorar  
chorinhos aos nossos ancestrais  
espero que estas oferendas  
agradem teu coração e  
alegrem teu paladar  
um coração alegre é  
um estômago satisfeito e  
no contentamento de ambos  
está a melhor predisposição  
para o cumprimento das  
leis da retribuição  
asseguradoras da  
harmonia cósmica

Exu  
tu que és o senhor dos  
caminhos da libertação do teu povo  
sabes daqueles que empunharam





teus ferros em brasa  
 contra a injustiça e a opressão  
 Zumbi Luiza Mahin Luiz Gama  
 Cosme Isidoro João Cândido  
 sabes que em cada coração de negro  
 há um quilombo pulsando  
 em cada barraco  
 outro palmares crepita  
 os fogos de Xangô iluminando nossa luta  
 atual e passada

Ofereço-te Exu  
 o ebó das minhas palavras  
 neste padê que te consagra  
 não eu  
 porém os meus e teus  
 irmãos e irmãs em  
 Olorum  
 nosso Pai  
 que está  
 no Orum

Laroiê!



*Exu Dambalah,*  
 Búfalo, NY, EUA, 1973.  
 Acrílico sobre tela,  
 55 x 105 cm.





*Opachorô de Oxalá.*  
Búfalo, NY, EUA, 1979,  
Tinta nanquim sobre papel,  
15 x 20 cm



CAPA  
*Oxum no seu Labirinto.*  
Búfalo, NY, EUA, 1975,  
Óleo e acrílico sobre tela,  
86 x 162 cm

---

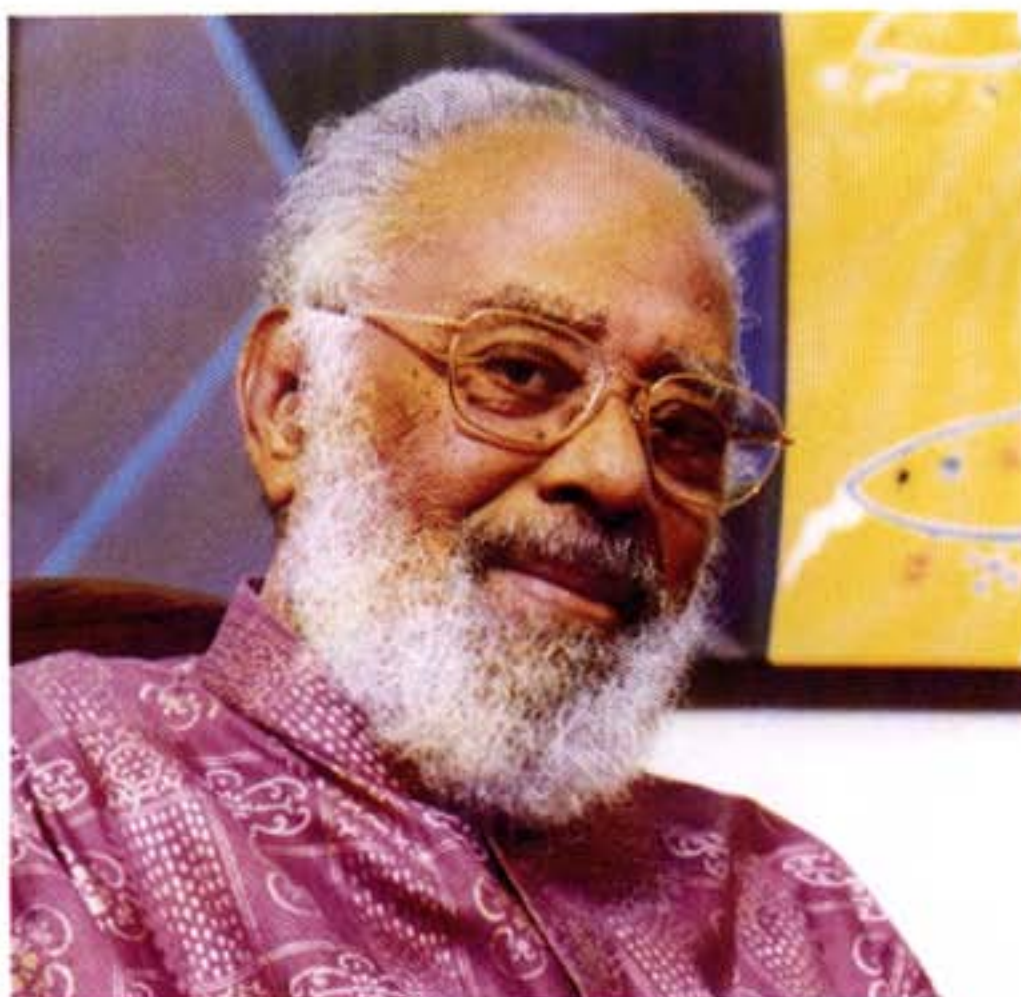
Organização e editoração  
Elisa Larkin Nascimento

Fotografia das obras de arte  
Lula Rodrigues

Projeto Gráfico  
Luiz Carlos Gá

---





Abdias Nascimento é ativista pan-africanista e Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York. Fundador do Teatro Experimental do Negro e do Museu de Arte Negra, foi deputado federal, senador e secretário de Estado do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

IPEAFRO



Instituto de Pesquisas e  
Estudos Afro-Brasileiros

ISBN 85-7572-007-4



9 788575 720073



MINISTÉRIO DA CULTURA  
**FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**

